

A outremização do sujeito colonial em Danticat e Kincaid: uma análise comparada

The othering of the colonial subject in Danticat and Kincaid: a comparative analysis

Maria Elizabeth Peregrino Souto Maior  

mepsmm@academico.ufpb.br

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Anna Júlia Targino de Castro Nunes  

anna-julia@msn.com

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Nicole Anizio Mariano de Sá 

nicoleaniziom@gmail.com

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil.

Resumo

O objetivo da presente pesquisa é investigar a experiência diaspórica dos sujeitos femininos representados na novela *Lucy*, de Jamaica Kincaid e no conto *Children of the Sea*, de Edwidge Danticat. Ambas as obras explicitam as motivações políticas dos sujeitos migrantes em uma jornada rumo à liberdade, e debatem sobre as dificuldades dos corpos marcados pela herança colonial de terem seus direitos humanos assegurados em um país que os enxerga apenas como cidadãs de segunda classe. Assim, pretende-se analisar os modos através dos quais as vivências das personagens Lucy e Célianne são afetadas por sua identidade enquanto mulheres negras colonizadas. As duas narrativas expõem não apenas os efeitos deletérios do colonialismo, como também a outremização e a subalternização do corpo negro, e principalmente como ele reage aos processos de marginalização e desumanização a que são submetidos. Como fundamentação teórica, a análise proposta se apoia nos estudos de Davis (1981), Lorde (1984), Crenshaw (1991; 2013), Vergès (2018) e Morrison (2019), com o intuito de demonstrar, através de uma ótica comparada, os modos pelos quais a experiência do passado colonial afeta o corpo feminino, que carrega consigo estigmas, traumas e marcas de opressão agravadas por fatores como gênero, raça e classe. Tanto a personagem Lucy quanto Célianne sofrem um processo de subalternização triplo, enquanto mulheres, negras e migrantes. Embora os olhares de inferioridade sobre esse sujeito tentem limitar seus lugares de atuação, em ambos os casos as personagens resistem e revidam às tentativas de silenciamento e apagamento que sofrem.

Palavras-chave: Jamaica Kincaid; Edwidge Danticat; “Lucy”; “Children of the Sea”; Estudos Decoloniais.



10.23925/2318-7115.2024v45i1e64509

Distribuído sob Licença Creative Commons



Abstract

The objective of the present article is to investigate the diasporic experience of the female subjects represented in the novella *Lucy*, by Jamaica Kincaid, and in the short story *Children of the Sea*, by Edwidge Danticat. Both works make explicit the political motivations of the migrant subjects in a journey to freedom and debate the difficulties of the bodies marked by the colonial heritage of having their human rights assured in a country which sees them only as second-class citizens. Therefore, we intend to analyze the ways in which the experiences of the characters *Lucy* and *Célianne* are affected by their identity as black colonized women. Both narratives expose not only the deleterious effects of colonialism, but also the othering and subordination of the black body, and mainly how it reacts to the processes of marginalization and dehumanization they are subjected to. As theoretical framework, the proposed analysis is grounded on the studies of Davis (1981), Lorde (1984), Crenshaw (1991; 2013), Vergès (2018), and Morrison (2019), in order to demonstrate, through a comparative perspective, the ways in which the experience of the colonial past affects the female body, which carries within itself stigmas, traumas and marks of oppression aggravated by factors such as gender, race and class. Both the characters *Lucy* and *Célianne* undergo a process of triple subordination as black and migrant women. Even though the colonized subjects are looked down upon and attempts are made to limit their performances, in both cases the characters resist and fight back to the attempts employed at silencing and erasing them.

Keywords: Jamaica Kincaid; Edwidge Danticat; *Lucy*; *Children of the Sea*; Decolonial Studies.

1. Introdução

Fundamentado na literatura comparada, o presente artigo tem como objetivo analisar obras de duas autoras afrodiáspóricas, a saber, Jamaica Kincaid e Edwidge Danticat, a partir dos Estudos Culturais e de Gênero. O aporte teórico tem como base a crítica da raça com enfoque no feminismo negro, uma vez que as autoras estudadas compartilham de contextos semelhantes de diáspora e subalternidade.

A escolha do tema se deu pela sua relevância e atualidade, uma vez que se propõe a questionar as hierarquias de poder e, através da crítica feminista e da abordagem interseccional, expor as consequências dos processos de conquista europeia nos corpos das mulheres colonizadas. Abrimos, também, espaço para tratar sobre a questão da imigração, tão presente na mídia nos últimos anos, exemplificando com o aumento do número de pessoas que chegam de forma ilegal à Europa. De acordo com a agência europeia Frontex, em 2022, cerca de 330 mil pessoas cruzaram os mares em situações de insalubridade extrema na intenção de fugir das condições adversas na terra natal e tentar recomeçar em uma terra estrangeira. Dentre o número de imigrantes, 10% são mulheres e 9% menores de idade. Ao trazer esse contexto para nossa análise, verifica-se que as personagens das obras literárias *Lucy* (1990) e *Children of the Sea* (1995)

também saem de seus países de origem em busca de uma vida melhor nos Estados Unidos. Assim, mesmo tendo razões distintas para se refugiar na terra da liberdade, não são acolhidas como imaginam. Ao invés disso, são discriminadas e outremizadas por sua etnia, classe e, principalmente, por seu gênero.

Para efeito do presente estudo, foram selecionadas a novela *Lucy*, de Jamaica Kincaid, e o conto *Children of the Sea* de Edwidge Danticat. Como pontos de convergência entre as obras, percebemos que compartilham uma perspectiva crítica do patriarcado e da cultura dominante eurocêntrica, explicitando as relações de poder e consequências do coclonialismo no corpo das mulheres racializadas. Na sua representação ficcional, as autoras refletem sobre as condições da mulher negra a partir de personagens subalternizadas, forçadas a migrar dos seus países de origem com vistas a mudar suas realidades. Questões como o racismo estrutural e a outremização também perpassam as narrativas em tela, uma vez que as personagens Lucy e Célianne migram para outros espaços em que seus corpos marcados pela raça permanecem invisibilizados e vilipendiados, transformando-as em sujeitos triplamente subalternizados enquanto mulheres, negras e imigrantes.

Objetivamos, portanto, investigar os fatores que motivam o processo de migração das personagens das obras supracitadas, analisando como, através da construção de suas personagens ficcionais, Jamaica Kincaid e Edwidge Danticat problematizam questões relacionadas à opressão do patriarcado e do colonialismo. Por fim, procuramos demonstrar como as personagens migrantes Lucy e Célianne confrontam os estereótipos culturais e de gênero no novo espaço, rejeitando imposições, marginalizações e reagindo aos silenciamentos advindos da cultura hegemônica.

2. Entre Mundos: a relação entre *Lucy* (1990) e *Children of the Sea* (1995)

A obra *Lucy* (1990), de Jamaica Kincaid¹ expõe os efeitos da diáspora e os conflitos identitários do sujeito migrante a partir da narrativa da protagonista homônima, que se desloca da ilha de Antígua, sua terra natal, para tentar uma vida melhor trabalhando como *au pair* para

¹ Elaine Potter Richardson, também conhecida como Jamaica Kincaid, nasceu em 25 de maio de 1949, em St. John, Antígua. Renomada escritora e naturalizada estadunidense, Kincaid retrata, em dezenas de romances, contos e ensaios, a vida em sua terra natal, as relações familiares conflitantes de um sujeito colonial que se recusa a ser subalternizado e as experiências das mulheres negras na diáspora.

uma família rica e branca, em Nova Iorque. Enquanto mulher estrangeira e negra, Lucy vai ter sua vida impactada pela experiência diaspórica nesse novo e, a princípio, promissor lugar.

A novela é ambientada na década de 1980, e descreve os efeitos da migração na vida de uma jovem que transita entre dois espaços geopolíticos distintos: Antígua, ilha caribenha, e Nova Iorque. São as dificuldades econômicas e a invisibilização enquanto mulher colonizada que impulsionam a protagonista a migrar sozinha para os Estados Unidos, longe dos seus pais. A título de contextualização, durante o período colonial, as ilhas de Antígua e Barbuda estiveram sob domínio britânico de 1627 até 1981, tendo sido, também, ocupadas e exploradas por espanhóis, franceses e ingleses, estes últimos tendo dominado a população a fim de monopolizar a extração do açúcar na região.

Desse modo, para viabilizar o sistema vigente de ‘*plantation*’, criou-se uma dependência do tráfico transatlântico de escravizados. Embora não seja mais colônia do Reino Unido na atualidade, o arquipélago enfrenta problemas sociais e políticos até o presente, que impede sua saída do *status* de subdesenvolvimento, aspecto bastante explorado por Kincaid em suas obras.

A segunda obra literária, objeto de nossa análise, também tem a experiência colonial como pano de fundo. O conto *Children of the Sea* foi escrito por Edwidge Danticat², e integra a coletânea *Krik? Krak!* (1995), um compilado de nove contos que ficcionaliza as terríveis consequências da dominação colonial francesa sobre o povo haitiano.

Na referida obra, a realidade política haitiana é narrada de forma detalhada, a partir da ótica de quem a enfrenta. Ambientado durante o ano de 1957, que corresponde ao governo de Jean-Claude “Papa Doc” Duvalier, ditador haitiano conhecido pela política de repressão aos dissidentes, a narrativa apresenta, dentre vários personagens, um grupo armado considerado peça-chave do regime ditatorial de Papa Doc — os *tonton macoutes*, que segundo Silva (2022, p. 37), funcionava como braço armado do ditador Papa Doc. Essa milícia tinha a função de reprimir, censurar, extorquir e amedrontar a população. Utilizavam-se de recursos e métodos ultraviolentos, variando da mais simples ameaça, até espancamentos, torturas e estupros a fim de reprimir

² Nascida em Porto Príncipe, Haiti, em 1969, Edwidge Danticat migrou para os Estados Unidos aos 12 anos de idade, após ser separada de seus pais, ainda criança. A própria autora se identifica como africana, haitiana e afro-americana (AHA), e as suas obras são resultado dessa identidade tripártide, tendo em vista que ela escreveu histórias que envolvem a politização das vidas pessoais de mulheres e homens no Haiti, e fora dele. Assim, seus personagens buscam sobreviver a ditaduras, perseguições políticas, extrema pobreza, e os danos psicológicos causados pela exclusão racial e de gênero.

dissidentes do governo. O medo da população, assujeitada pelo comportamento abusivo e descomedido dos milicianos de Papa Doc, é revelado ao leitor a partir da seguinte citação:

they've closed the schools since the army took over, no one is mentioning the old president's name, papa burnt all his campaign posters and old buttons, manman buried her buttons in a hole behind the house, she thinks he might come back, she says she will unearth them when he does, no one comes out of their house, not a single person, papa wants me to throw out those tapes of your radio shows, i destroyed some music tapes, but i still have your voice, i thank god you got out when you did. (Danticat, 1995, p. 8)³

A passagem evidencia a sensação desesperadora da população aterrorizada em face dos abusos, ocasionando a reclusão de todos aqueles que temem ser reconhecidos ou denunciados aos macoutes como dissidentes políticos. O enredo do conto gira em torno de dois desses personagens amedrontados pela realidade de perseguição política, um casal de jovens, um dos quais tenta escapar da morte iminente, considerada o fim certo para aqueles que desejam o fim da ditadura Duvalier. A narrativa epistolar envolvendo um dos 'boat people' e sua namorada que lhe escreve ainda do Haiti, é o pano de fundo ideal para explorar o desespero dos que ficam e as incertezas dos que tentam a travessia precária rumo à terra dos sonhos. Além do amor que nutrem um pelo outro, as cartas nunca entregues são cheias de esperança, sentimento este que vem à tona na fala das personagens ao imaginar um mundo em que se encontrarão novamente. Por fim, as missivas também simbolizam as complexas relações entre os habitantes esquecidos e isolados do Haiti – terra de ninguém – e o resto do mundo ocidental próspero e desenvolvido, sonho acalentado por tantos imigrantes ilegais.

3. Uma análise comparada da outremização de Lucy e Célianne

A análise comparada das histórias de Lucy e de Célianne nos permite revelar uma série de pontos de convergência. O primeiro deles é o contexto colonial compartilhado pelas personagens. Além disso, Lucy e Célianne são vítimas de opressão por serem mulheres negras em um ambiente que as considera cidadãs de segunda classe. Um terceiro aspecto é a migração forçada e a

³ Eles fecharam as escolas desde que o exército assumiu o controle, ninguém está mencionando o nome do antigo presidente, papa queimou todos os seus cartazes de campanha e antigos botões, manman enterrou os buttons dela em um buraco atrás da casa, ela acha que ele pode voltar, ela diz que os desenterrará quando ele voltar, ninguém sai de casa, nem uma única pessoa, papa quer que eu jogue fora aquelas fitas dos seus programas de rádio, eu destruí algumas fitas de música, mas ainda tenho a sua voz, agradeço a Deus que você saiu quando o fez. (Danticat, 1995, p. 8)

discriminação que ambas têm que enfrentar no trânsito entre a terra natal e o país de acolhimento. Através dos pensamentos narrados e das ações das duas personagens entre esses dois mundos, Danticat e Kincaid vão tecer narrativas que problematizam os efeitos nefastos do colonialismo nas populações outrora colonizadas. Nos processos de adaptação e construção identitária no novo ambiente, as personagens enfrentam opressões concomitantes de gênero, raça e classe. São corpos em diáspora que buscam espaço, agência e voz em um mundo que as oprime tanto enquanto mulheres como pessoas não-brancas e migrantes. Afetadas por esses três eixos de opressão entrecruzadas, Célianne e Lucy entram em embate com o sistema opressor de diversos modos. Vistas *a priori* como um ‘outro’ migrante, ameaçador, subdesenvolvido e sem voz, elas atuam e tomam decisões de forma contrária ao que se espera delas: lutam contra o sistema que as define e aprisiona a um estado de subalternização a partir de vários atos de resistência.

A situação de vulnerabilidade socioeconômica enfrentada pelas personagens supramencionadas é proveniente da colonização e perdura anos depois, não tendo se extinguido após a independência de seus países. Tanto Lucy quanto Célianne compartilham um passado de exploração colonial, marcado pelo tráfico de escravizados e pela imposição da cultura dominante eurocêntrica. A invenção da raça foi essencial para colocar em patamar de superioridade os costumes, a religião, a cultura e o refinamento dos europeus como um sonho a ser emulado. Com o auxílio da religião e da educação formal, utilizando métodos ingleses que excluía a cultura local, iniciou-se um processo civilizatório que tinha o intuito de formar cidadãos obedientes e sem senso crítico. É o caso da protagonista Lucy. Tendo vivenciado a colonização enquanto criança, é obrigada a aceitar a cultura dominante inglesa, circunscrita a um espaço educacional autoritário que considera sua língua e cultura como inferiores. A tensão e busca por voz própria da menina, que luta contra a colonização ideológica, estão presentes não apenas nas vivências escolares da personagem, como também nas suas relações familiares. No caso da própria mãe, Lucy a enxerga como uma extensão da metrópole disciplinadora e tolhedora, uma vez que se impõe na vida da filha de forma autoritária a fim de reprimir suas ações e pensamentos.

A mãe de Lucy atua, portanto, como um sujeito disciplinador, um reflexo direto da relação colonizador-colonizado que funciona por meio da opressão do mais “fraco” em detrimento dos próprios interesses, sendo este o de transformar Lucy em uma cópia exata de si. No entanto, a

rebeldia da adolescente não a permite ser o sujeito obediente que a mãe tanto almeja. Em suas atitudes e confrontos com a genitora, Lucy deixa claro que não está disposta ao aniquilamento identitário, se este for o preço a pagar para emular um colonizador que matou e reprimiu aqueles que conquistou. Assim, a protagonista se afasta da mãe e do que ela simboliza, e prefere consolidar sua identidade longe da terra natal, migrando para a terra da liberdade. De acordo com Carvalho (2022), podemos afirmar que

Ainda que a Antigua representasse a vivacidade, também correspondia a um mundo que lhe despertava animosidade. As desavenças com a figura materna, o fato da mãe ser indiferente e esperar sempre o pior de Lucy, por exemplo, foram um dos pontos que influenciaram a sua ida (Carvalho, 2022, p. 60).

Assim, ao chegar nos Estados Unidos e ter contato com a cultura hegemônica, Lucy enfrenta o mesmo *status* de inferioridade que foi forçada a internalizar como criança. Logo a visão romântica de terra prometida é substituída, e o país não a acolhe como esperado. No dia em que chega na residência dos patrões para trabalhar como *au pair*, Lucy confronta seu status de outro subalternizado pela primeira vez. Ao socializar com a empregada da casa, percebe que não pertence àquele lugar. A serviçal, um sujeito tão subalternizado quanto Lucy, lança sobre ela um olhar de superioridade cultural, menosprezando sua cultura e seus costumes, conforme pode ser observado no excerto a seguir:

One day the maid who said she did not like me because of the way I talked told me that she was sure I could not dance. She said that I spoke like a nun, I walked like one also, and that everything about me was so pious it made her feel at once sick to her stomach and sick with pity just to look at me. (Kincaid, 2002, p. 11)⁴

De forma análoga, *Children of the Sea* (1995) também traz à tona a questão de outremização conceituada por Morrison (2019, p. 12) que consiste em enxergar o sujeito colonizado como o Outro, inferiorizando-o. A partir da classificação dos migrantes — cubanos como tendo pele mais clara e, portanto, superiores, e haitianos vistos como negros retintos — ocorre um processo de invenção de um outro racializado e, conseqüente, uma hierarquização social. O conto alude a um fato inusitado: um passageiro haitiano de uma embarcação repleta de imigrantes foi rejeitado e mandado de volta para o Haiti no momento do resgate pela guarda

⁴ Um dia, a empregada que disse que não gostava de mim por causa da maneira como eu falava me disse que estava certa de que eu não sabia dançar. Ela disse que eu falava como uma freira, que eu também andava como uma, e que tudo em mim era tão piedoso que a fazia sentir-se imediatamente enjoada e com pena só de olhar para mim. (Kincaid, 2002, p. 11)

costeira estadunidense por possuir a pele mais escura que os demais cubanos ocupantes do bote. Esse fato representa o preconceito racial entre os povos que ocupam um mesmo espaço e compartilham da mesma ancestralidade africana, mas ainda se enxergam sob a ótica do racismo. O narrador expressa a discriminação racial no excerto abaixo:

The faces around me are showing their first charcoal layer of sun-burn. "Now we will never be mistaken for Cubans," one man said. Even though some of the Cubans are black too. The man said he was once on a boat with a group of Cubans. His boat had stopped to pick up the Cubans on an island off the Bahamas. When the Coast Guard came for them, they took the Cubans to Miami and sent him back to Haiti. Now he was back on the boat with some papers and documents to show that the police in Haiti were after him. He had a broken leg too, in case there was any doubt. (Danticat, 1995, p. 10)⁵

Além disso, ao aprofundarmo-nos na análise do conto de Danticat, identificamos os motivos dos exilados e perseguidos do Haiti rumo aos Estados Unidos, vistos como escória humana, indigna de acolhimento. O foco da narrativa se volta para uma das tripulantes do bote, Célianne que permanece em silêncio e sem interagir com os demais. Teremos acesso, paulatinamente, à sua história, que também é reveladora da dupla segregação, racial e de gênero, de pessoas animalizadas dentro e fora do seu país natal.

Percebida como um 'outro' dentro de sua própria terra segregada, a antiga ilha de Hispaniola onde outrora coabitavam dominicanos (tidos como descendentes dos colonizadores espanhóis) e haitianos (de ascendência africana e, portanto, cor de pele indesejada), Célianne é alvo de estupro coletivo em sua própria casa, por um grupo de soldados que deveriam protegê-la. Historicamente, a questão racial exerceu um papel preponderante na ilha de Hispaniola: na região à direita do rio encontra-se hoje a República Dominicana, cujos habitantes tinham ascendência espanhola branca.

Por outro lado, a porção ocidental da Ilha corresponde à região que hoje corresponde ao Haiti, onde viviam os povos originários Tainos e negros. Durante a ditadura de Rafael Trujillo, entre 1930 e 1937, houve um movimento de limpeza étnica na República Dominicana (SILVA, 2002, p. 35), com o intuito de justificar o extermínio de milhares de cidadãos haitianos que atravessavam

⁵ Os rostos ao meu redor estão mostrando sua primeira camada de queimadura de sol em tom de carvão. "Agora nunca seremos confundidos com cubanos", disse um homem. Mesmo que alguns dos cubanos também sejam negros. O homem disse que já esteve em um barco com um grupo de cubanos. Seu barco parou para pegar os cubanos em uma ilha nas Bahamas. Quando a Guarda Costeira veio buscá-los, levaram os cubanos para Miami e os enviaram de volta para o Haiti. Agora ele estava de volta ao barco com alguns papéis e documentos para mostrar que a polícia no Haiti estava atrás dele. Ele também tinha uma perna quebrada, caso houvesse alguma dúvida. (Danticat, 1995, p. 10)

a fronteira. Este episódio ficou conhecido como “Parsley Massacre”. Era a forma com que pronunciava a palavra “parsley” como “perejil” (sotaque espanhol) que determinava se o cidadão iria ser exterminado. Isso contribuiu para a formação de uma mentalidade racista contra o povo haitiano que era considerado inferior pela sua origem e tom de pele mais escuro, configurando um corpo racializado.

Como consequência do projeto de limpeza étnica, a população haitiana deveria ser exterminada, pois era descartável e indesejada. A violência contra as mulheres aparece exemplificada de diversas formas na narrativa. Percebemos que as vivências diárias das cidadãs haitianas estão sempre perpassadas pelo controle e dominação dos seus corpos, vigiados não só pela força patriarcal, mas também pelo governo ditatorial. O cerceamento da liberdade de ir e vir das mulheres é um dos aspectos observados, o tolhimento de sua autonomia sobre que programa de rádio escutar, ou que companheiro escolher para casar, por exemplo, também é debatido pela autora. No entanto, o controle do patriarcado sobre os corpos das mulheres é exacerbado em uma cena específica da narrativa. Nela, ocorre o estupro da personagem Célianne pelos Tonton Macoutes a fim de punir sua família, tida como dissidente do governo:

I asked her about the baby's father. She keeps repeating the story now with her eyes closed, her lips barely moving. She was home one night with her mother and brother Lionel when some ten or twelve soldiers burst into the house. The soldiers held a gun to Lionel's head and ordered him to lie down and become intimate with his mother. Lionel refused. Their mother told him to go ahead and obey the soldiers because she was afraid that they would kill Lionel on the spot if he put up more of a fight. Lionel did as his mother told him, crying as the soldiers laughed at him, pressing the gun barrels farther and farther into his neck. Afterwards, the soldiers tied up Lionel and their mother, then they each took turns raping Célianne. When they were done, they arrested Lionel, accusing him of moral crimes. After that night, Célianne never heard from Lionel again. (Danticat, 1995, p. 18)⁶

Crenshaw (1991, p. 1260) pontua que esse ato de violência não afeta apenas a vítima, mas sim todas as mulheres, pois as deixa à mercê e incapazes de reação. Ademais, a opressão faz com que a mulher seja subjugada através do medo, pois ninguém ao redor delas consegue ajudar, visto que todas temem pela sua própria existência. No fim, não só a vítima sofre, mas todas as

⁶ Eu perguntei a ela sobre o pai do bebê. Ela continua repetindo a história agora com os olhos fechados, os lábios mal se mexendo. Ela estava em casa uma noite com a mãe e o irmão Lionel quando uns dez ou doze soldados invadiram a casa. Os soldados seguraram uma arma na cabeça de Lionel e o ordenaram a se deitar e começar a ficar íntimo com sua própria mãe. Ele se recusou. Sua mãe pediu para que ele obedecesse os soldados, pois temia que matassem Lionel naquele momento caso ele resistisse ainda mais. Lionel fez como sua mãe disse aos prantos enquanto os soldados riam, pressionando as armas cada vez mais forte no seu pescoço. Após isso, os soldados se revezaram para estuprar Célianne. Quando terminaram, prenderam Lionel, o acusando de crimes morais. Depois daquela noite, Célianne nunca mais ouviu falar de Lionel. (Danticat, 1995, p. 18)

outras mulheres racializadas, que temerão a violência sexual como forma de controle e cerceamento dos seus corpos. Também vale ressaltar que, durante a travessia no barco para os Estados Unidos, a personagem Célianne, agora grávida, passa pelo julgamento externo dos outros tripulantes que, por desconhecerem a sua história de violência, criam uma narrativa paralela que justifica a sua gravidez:

There is gossip circulating about how Célianne became pregnant. Some people are saying that she had an affair with a married man and her parents threw her out. Gossip spreads here like everywhere else. (Danticat, 1995, p. 16).⁷

Vemos que a escolha do julgamento coletivo invalida o próprio relato de vida de Célianne — mesmo tendo sido vítima da forma mais vil das violências, é criada uma narrativa inverídica sobre ela – a de que tenha engravidado por se envolver ilícitamente com um homem casado. Tal processo configura-se como um ato de preconceito de gênero, pois vilaniza a mulher, ao invés do assediador, vulnerabilizando a personagem ainda mais e retirando-lhe o poder de fala. Em última instância, nega-lhe a oportunidade de acessar e contar a própria história. Tais questões podem ser explicitadas a partir do seguinte trecho:

The same night, Célianne cut her face with a razor so that no one would know who she was. Then as facial scars were healing, she started throwing up and getting rashes. Next thing she knew, she was getting big. She found out about the boat and got on. She is fifteen. (Danticat, 1995, p. 18)⁸

Ademais, é perceptível que as violências sofridas por Célianne estão pautadas em uma visão patriarcal, que coisifica seu corpo e a enxerga como pessoa duplamente inferior, não apenas por ser mulher, mas, principalmente, por ser racializada. Conforme pontua Angela Davis (2016):

[...] as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (Davis, 2016, p. 25)

⁷ Há boatos circulando sobre como Célianne engravidou. Algumas pessoas estão dizendo que ela teve um caso com um homem casado e seus pais a expulsaram. Os boatos se espalham aqui como em qualquer outro lugar. (Danticat, 1995, p. 16)

⁸ Na mesma noite, Célianne cortou o rosto com uma lâmina de barbear para que ninguém soubesse quem ela era. Enquanto as cicatrizes faciais estavam cicatrizando, ela começou a vomitar e a ter erupções cutâneas. Na sequência, ela percebeu que estava ficando grande. Ela descobriu sobre o barco e embarcou. Ela tem quinze anos. (Danticat, 1995, p. 18)

Outro ponto de extrema relevância é a opressão cultural, presente em ambas as obras. Em *Lucy* (1990), tal questão é apresentada através do discurso dominante de Mariah, patroa da protagonista e mãe das duas crianças que ficarão aos cuidados da jovem. Seu cargo de *au pair* inclui a execução de tarefas domésticas e de cuidados infantis em troca de remuneração, acomodação e oportunidades de trocas culturais. Há indícios, no discurso de Mariah, como representante da cultura hegemônica, de preconceito e inferiorização acerca de Lucy, percebida, monoliticamente, como o estereótipo de mulher negra, pobre e vinda de um país de terceiro mundo. Desse modo, suas falas refletem um olhar de superioridade cultural que replica a visão do colonizador sobre o colonizado, oriunda de uma percepção eurocêntrica sobre Antigua, seu clima e as pessoas que lá habitam. Perpetuando noções essencialistas que colocam as culturas europeias e estadunidenses como régua a partir da qual se mede o desenvolvimento dos outros povos, Mariah trata Lucy como parte de um povo que não conhece a civilização, não sendo capaz de distinguir entre o inverno ou a primavera.

A fixação pelos ‘*daffodils*’ (narcisos), que significam “a chegada da primavera”, representa a cultura eurocêntrica imposta ao povo colonizado. Essa flor é nativa da Europa e foi trazida e transplantada da metrópole para as ilhas caribenhas pelos britânicos durante a colonização, passando a fazer parte da paisagem. Assim, segundo Wong (2018), tais flores são a representação imagética da colonização, um exemplo prático de como o processo civilizatório ocorre, a partir da imposição de um padrão cultural, dos valores e da educação eurocêntrica. Não é à toa que os narcisos são repetidamente mencionados ao longo da novela *Lucy*. São a imagem central do poema “*I Wandered Lonely as a Cloud*” de William Wordsworth, em que a protagonista era obrigada a memorizar e recitar publicamente na escola quando criança, atendendo ao comando da professora. Lucy cria verdadeira aversão ao poema e estende isso a toda sua experiência educacional por várias razões.

A primeira delas é a memória que o poema evoca da infância e da escola, marcada pela repressão linguística e cultural. Percebemos que, desde a mais tenra idade, Lucy era forçada a negar sua identidade cultural a partir de uma escolarização rigorosa que privilegiava aprender a língua e a cultura do colonizador, lendo os clássicos ingleses, memorizando fatos da história do Império Britânico e, portanto, rejeitando por completo sua ancestralidade e a produção cultural do seu país. Recitar o poema do imortal poeta romântico em voz alta, na frente de todos na escola,

por exemplo, não fazia qualquer sentido para Lucy, ocasionando-lhe sentimento de repulsa e rejeição à cultura dominante.

O segundo ponto que podemos depreender da troca discursiva entre Mariah e Lucy sobre os narcisos é que ela funciona como um gatilho que comprova a total desidentificação da protagonista com a cultura hegemônica e com qualquer discurso de superioridade dela advindo. A memória dos narcisos está diretamente relacionada ao projeto de dominação cultural a que foi submetida ao longo da colonização. Ao lado da religião, a instituição escolar foi fundamental no processo de apaziguar e subalternizar as crianças, tornando-as dóceis e obedientes. Dessa feita, a mágoa da personagem se justifica, uma vez que a vivência da colonização e sua imposição ideológica na formação dos seus familiares, especialmente sua mãe, transformou-os em indivíduos acríticos e extremamente pacificados, aceitando sua condição de colonizados passivamente. Além de dona de uma personalidade forte, conhecida por seu caráter questionador, Lucy não reconhece o domínio colonial como um fato pacífico, mesmo que tenha sido obrigada a memorizar e recitar o poema de Wordsworth na escola. Ao longo dos anos, e agora ainda mais em solo estadunidense, Lucy aprendeu a questionar a imposição ideológica fossilizada dos colonizadores sobre os dóceis súditos: “It wasn’t her fault. It wasn’t my fault. But nothing could change the fact that where she saw beautiful flowers I saw sorrow and bitterness.” (Kincaid, 1990, p. 22).⁹

Para Mariah, no entanto, os narcisos representam a beleza da primavera que desabrocha, reafirmando a percepção imperialista de cegueira cultural, e de ignorância sobre o outro, como se seu país fosse o centro regulador do mundo. Tal questão também se reflete na maneira como Mariah se enxerga em relação a Lucy, de modo que sempre ocupa a posição de letrada e, conseqüentemente, de superior. Ademais, o inverno e a chegada da primavera, tão veemente citados por Mariah, são estações do ano típicas de países de clima temperado, localizados no norte global, ou seja, na Europa e na América do Norte. Assim, acentuam-se contrastes entre esses lugares geopolíticos - o Norte abriga os centros do poder, países considerados desenvolvidos, enquanto o Sul corresponde à região exótica, de natureza abundante e intocada, que vem a existir apenas *a posteriori*, com a chegada de Cristóvão Colombo, em 1492.

⁹ Não foi culpa dela. Não foi culpa minha. Mas nada poderia mudar o fato de que onde ela via flores bonitas, eu via tristeza e amargura.” (Kincaid, 1990, p. 22).

Não há quaisquer semelhanças do clima caribenho com o estadunidense nem o europeu, tendo em vista que as estações do ano não são sentidas ou percebidas da mesma forma. Assim, Lucy não consegue reconhecer a mesma sensação de prazer de Mariah ao observar os narcisos reverenciados pela patroa, nem apreciar a beleza da mudança das estações. Para Lucy, não há nada extraordinário sobre os narcisos, assim como não há exuberância dos jardins prontos e artificialmente construídos pela metrópole para assegurar seus domínios além-mar. As quatro estações, marcadamente perceptíveis para Mariah, não são nada convidativas aos olhos de Lucy. De fato, os verões quentes e as estações chuvosas de Antigua lhe parecem muito mais atraentes do que o gélido e inerte inverno estadunidense.

O ápice da tensão entre as percepções culturais distorcidas de Mariah sobre Lucy culmina com a revelação do desejo da última, de ceifar cada um dos narcisos do jardim. Como em ato catártico de extremo ódio ao colonizador, Lucy se imagina destruindo todas aquelas flores, simbolizando sua recusa ativa de demonstrar fraqueza, aceitação ou subserviência diante da empregadora. Tal perspectiva pode ser corroborada a partir da citação abaixo:

I did not know what these flowers were, and so it was a mystery to me why I wanted to kill them. Just like that. I wanted to kill them. I wished that I had an enormous scythe; I would just walk down the path, dragging it alongside me, and I would cut these flowers down at the place where they emerged from the ground. Mariah said, "These are daffodils. I'm sorry about the poem, but I'm hoping you'll find them lovely all the same. (Kincaid, 2002, p. 21)¹⁰

A partir das experiências cotidianas, entretanto, Lucy começa a perceber que seu sonho americano não passa de ilusão — há uma tensão constante entre expectativa e realidade, entre as aparências e o que está visível, como no excerto abaixo, quando ela admira a casa rodeada de fotografias da família supostamente feliz que a acolheu:

The household in which I lived was made up of a husband, a wife, and the four girl children. The husband and wife looked alike and their four children looked just like them. In photographs of themselves, which they placed all over the house, their six yellow-haired heads of various sizes were bunched as if they were a bouquet of flowers tied together by an unseen string. In the pictures, they smiled out at the world, giving the impression that they found everything in it unbearably wonderful. And it was not a farce, their smiles. (Kincaid, 2002, p. 11-12)¹¹

¹⁰ Eu não sabia o que eram essas flores, e por isso era um mistério para mim por que eu queria matá-las. Assim, sem mais nem menos. Eu queria matá-las. Eu desejava ter uma foice enorme; eu apenas seguiria pelo caminho, arrastando-a ao meu lado, e cortaria essas flores no lugar onde emergiam do solo. Mariah disse, "Essas são narcisos. Sinto muito pelo poema, mas espero que você ainda ache elas adoráveis." (Kincaid, 2002, p. 21)

¹¹ A casa em que vivi era composta por um marido, uma esposa e as quatro filhas. O marido e a esposa se pareciam, assim como seus quatro filhos se assemelhavam a eles. Em fotografias de si mesmos, que eles espalhavam por toda a casa, suas seis cabeças loiras de tamanhos variados estavam agrupadas como se fossem um buquê de flores

Entretanto, a mesma família que a “acolhe” é responsável por perpetuar a relação colonizador-colonizado, ao designar um relacionamento contrastante de “ser/fazer parte da família”, mas reservar para Lucy um quarto nos fundos da casa, a fim de que possa participar das refeições apenas como mera observadora. Ao compartilhar seus pensamentos e vivências, a personagem é incompreendida e, muitas vezes, humilhada. Assim, podemos afirmar que, na realidade, Lucy não deixou de ser percebida como um “outro” nos Estados Unidos, pois, ainda que esteja fora de Antigua, continua marcada pelo seu exotismo e pela sua diferença — sua raça permite trânsito bastante limitado naquela sociedade, estando ali para servir, ou como um meio de entretenimento. Desrespeitada, muitas vezes, por sua identidade exótica conquanto não-estadunidense, Lucy é enxergada através de uma lente distorcida, que refrata uma imagem universal e generalizante como se todas as ilhas e pessoas do Caribe fossem iguais:

This was because the first thing she said to me when Mariah introduced us was “So you are from the islands?” I don’t know why, but the way she said it made a fury rise up in me. I was about to respond to her in this way: “Which islands exactly do you mean? The Hawaiian Islands? The islands that make up Indonesia, or what?” And I was going to say it in a voice that I hoped would make her feel like a piece of nothing, which was the way she had made me feel in the first place. (Kincaid, 1990, p. 40)¹²

Por fim, ao traçar um paralelo entre as duas personagens, podemos afirmar que Lucy e Célianne conseguem quebrar os ciclos de opressão a que são submetidas e o olhar de inferioridade lançado pelas pessoas sobre elas, pois lutam contra a imposição da cultura hegemônica e do patriarcado, e se recusam a permanecer em uma posição de sujeitos infantilizados e eternamente dependentes. No entanto, há uma diferença entre elas; enquanto Lucy teve a chance de migrar e de obter independência financeira no novo contexto, Célianne sucumbe antes de realizar seu sonho de migrância. Após o estupro coletivo que sofre, Célianne se vê grávida e decide automutilar o seu rosto, a fim de evitar ser reconhecida na sua comunidade. Além disso, o seu

amarradas por um fio invisível. Nas imagens, sorriam para o mundo, transmitindo a impressão de que achavam tudo nele incrivelmente maravilhoso. E isso não era uma farsa, seus sorrisos. (Kincaid, 2002, p. 11-12)

¹² Isso aconteceu porque a primeira coisa que ela me disse quando Mariah nos apresentou foi: “Então você é das ilhas?” Não sei por que, mas a maneira como ela disse isso fez uma fúria surgir dentro de mim. Eu estava prestes a responder a ela dessa forma: “Quais ilhas exatamente você quer dizer? As Ilhas Havaianas? As ilhas que compõem a Indonésia, ou o quê?” E eu ia dizer isso com uma voz que esperava que a fizesse se sentir como um nada, do jeito que ela me fez sentir desde o começo. (Kincaid, 1990, p. 40)

rosto desfigurado também pode ser entendido como uma parte perdida de sua identidade e de quem ela era antes desse evento traumático — algo que a marcou para sempre. Parte do Haiti para os Estados Unidos, em busca de um recomeço, mas sua embarcação afunda antes de chegar ao destino. O último ato de coragem e resistência de Célianne é o de atirar-se no oceano com sua filha natimorta em seus braços, como se retornasse para o mar dos seus antepassados, mortos no tráfico transatlântico de escravizados.

Considerações finais

A literatura comparada abre portas para o estudo de temas convergentes através de tempos e espaços distintos, ampliando os olhares acerca do diverso e do global. Através da análise comparada das obras *Lucy* e *Children of the Sea*, é possível ampliar perspectivas acerca de estruturas de opressão que permeiam pessoas localizadas em distintas sociedades do globo. As duas obras em tela, de Jamaica Kincaid e Edwidge Danticat, tornam-se, portanto, canais importantes de denúncia sobre as exclusões e injustiças promovidas em consequência dos processos civilizatórios europeus, representando, em suas narrativas, as dores e os sofrimentos de pessoas subalternizadas por sua raça, classe e gênero. Apesar dos contextos históricos distintos em Antígua e Haiti, as personagens compartilham histórias de dor, perseguição e resiliência. São outremizadas com base na sua origem, no seu gênero e/ou na sua cultura, sentem-se inferiorizadas, enfrentam julgamentos das outras pessoas e lutam para se desvencilhar deles.

Em *Lucy*, a protagonista, uma imigrante de Antígua, enfrenta as dificuldades de se adaptar aos Estados Unidos. Desafia constantemente as expectativas culturais e luta contra estereótipos impostos pela sociedade que falseia intenções de acolhimento. É considerada um ‘outro cultural’, *tokenizada*¹³, vítima de outremização, mas luta contra as perspectivas limitantes e preconceituosas que os estadunidenses, representados pela figura da patroa Mariah, têm dela. Além da constante busca de autoconhecimento e libertação das amarras do passado, Lucy percebe sua posição no mundo e rejeita toda e qualquer situação que a coloque como um ser inferior novamente. Agindo por si, ela ressignifica sua identidade, distanciando-se da posição de

¹³ Segundo Kanter (1977), um token é a representação de um grupo minoritário para causar a sensação de igualdade, inclusão e diversidade, porém tal representação se torna mínima quando comparada à grande maioria que está inserida dentro de dimensões reais.

obediente que lhe é esperada. A decisão de fugir em uma embarcação precária com outros tripulantes rumo aos Estados Unidos para tentar uma vida nova é mais uma estratégia de resiliência, um modo de continuar existindo e resistindo à invisibilização. O ato de se jogar ao mar de um bote prestes a naufragar, carregando consigo sua filha natimorta, configura-se como o ato máximo de resistência contra o *status quo*, contra as políticas migratórias estadunidenses excludentes, e, por último, como uma resposta às forças opressoras do patriarcado.

Em última instância, através da literatura e ancorados nos estudos de gênero e na abordagem interseccional, é possível promover diálogos e aproximações entre autoras negras, fomentar discussões acerca dos processos históricos que levaram as mulheres de cor a ocupar um lugar de subalternização, lutando contra apagamentos, silenciamentos e histórias únicas. A literatura surge, portanto, como um importante instrumento para combater a desinformação, os estereótipos culturais e a perpetuação de opressões de raça, classe e gênero, abrindo possibilidades para escritoras negras contarem as histórias de seu povo a partir de suas próprias vivências.

Além disso, a partir desse estudo, incentiva-se a leitura crítica, o diálogo entre a produção literária de contextos variados e o aprofundamento de questões identitárias, migratórias e decoloniais em obras de autoria feminina negra na contemporaneidade, enfatizando suas lutas e sua resiliência. O texto literário torna-se, portanto, uma alternativa crucial aos processos de apagamento cultural do povo negro que busca por igualdade de direitos para homens e mulheres, a fim de atingir a mudança social tão esperada.

Referências

CARVALHO, Maria do Carmo Moreira de.; LIMA, Sara Regina de Oliveira. Entre a fragmentação e a autodefinição: o entre-lugar permeado por Lucy, de Jamaica Kincaid. **Criação & Crítica**, n. 32, p., jul. 2022. Disponível em: <http://revistas.usp.br/criacaoocritica>. Acesso em: 28 agosto. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color. **Stanford Law Review**, vol. 43, Julho de 1991, pp. 1241-1299.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. In: **The public nature of private violence**. Routledge, 2013. p. 93-118.

DANTICAT, Edwidge. **Krik? Krak!** New York :Soho Press, 1995.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. 1 edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

KANTER, Rosabeth Moth. **Men And Women Of The Corporation**. New York: Basic Books, 1977.

KINCAID, Jamaica. **Lucy**. 1. ed. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.

MIGRAÇÃO: Entradas irregulares na Europa batem recorde, **Folha de S. Paulo**, 13 jan. 2023. Mundo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/01/numero-de-entradas-irregulares-na-europa-em-2022-e-o-mais-alto-desde-2016.shtml#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20C3%B3rg%C3%A3o,%25%2C%20por%20menores%20de%20idade>. Acesso em: 28 ago. 2023.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura**. Companhia das letras, 2019.

SILVA, Kênnea Justino da. **Fronteiras de resistências na contística de edwidge danticat**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras - Inglês) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2022.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Dias, Jamille Pinheiro; Camargo, Raquel. São Paulo: Ubu Editora, 2020

WONG, S. The World and the Garden: Ekphrasis and “Overterritorialization” in Jamaica Kincaid’s Garden Writing. *Cambridge Journal of Postcolonial Literary Inquiry*, 5(1), 36-52, 2018. Disponível em: https://www.cambridge.org/core/journals/cambridge-journal-of-postcolonial-literary-inquiry/article/abs/world-and-the-garden-ekphrasis-and-overterritorialization-in-jamaica-kincaids-garden-writing/B8608B490A50ABB4B080F527D26A7706?utm_campaign=shareaholic&utm_medium=copy_link&utm_source=bookmark. Acesso em: 28 ago. 2023